



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PRISCILA DE FÁTIMA PEREIRA

**A PEDAGOGIA HOSPITALAR: REFLEXÕES ACERCA DE UMA
EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA SANTA CASA DE CARIDADE DE
JAGUARÃO**

**JAGUARÃO
2010**

PRISCILA DE FÁTIMA PEREIRA

**A PEDAGOGIA HOSPITALAR: REFLEXÕES ACERCA DE UMA
EXPERIÊNCIA DE ENSINO NA SANTA CASA DE CARIDADE DE
JAGUARÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal do
Pampa como requisito obrigatório para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Licenciatura em Pedagogia

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 07 de dezembro de
2010.

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Bento Selau da Silva Junior
Orientador
Curso de Licenciatura em Pedagogia - Unipampa

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
Curso de Licenciatura em Pedagogia - Unipampa

Prof. Dr^a. Cristina Pureza Duarte Boéssio
Curso de Licenciatura em Letras - Unipampa

A pedagogia hospitalar: reflexões acerca de uma experiência de ensino na Santa Casa de Caridade de Jaguarão

Priscila de Fátima Pereira¹

Resumo

Apresentam-se os resultados de uma intervenção realizada na Santa Casa de Caridade da cidade de Jaguarão. O objetivo principal deste estudo foi identificar os principais aspectos pedagógicos relativos à atuação do pedagogo, assim como compreender como se dá a relação entre professor e aluno dentro do ambiente hospitalar. Acreditando-se na pedagogia hospitalar como campo de atuação do pedagogo, buscou-se fazer uma investigação teórica para que as informações obtidas através das intervenções pudessem ser interpretadas. A partir do desenvolvimento do trabalho, pode-se constatar que as intervenções pedagógicas, além de despertar nas crianças a vontade de aprender, certamente possibilitou lhes um retorno à escola menos traumático, ou seja, elas não se sentiram em defasagem em relação a seus colegas, uma vez que não deixaram de realizar as atividades escolares.

Palavras-chave: pedagogia hospitalar; intervenção; pedagogo.

Entende-se que o papel do pedagogo é, entre outras tarefas, servir como ponte entre os alunos e o conhecimento, o que não significa que a sua atuação tenha que acontecer necessariamente dentro do espaço escolar. Em se tratando de ambientes educacionais não escolares, pode-se citar o ambiente hospitalar como um espaço de inserção e atuação do pedagogo.

Este trabalho teve como objetivos, a partir de uma intervenção realizada com crianças hospitalizadas na Santa Casa de Caridade de Jaguarão, identificar os principais aspectos pedagógicos relativos à atuação do pedagogo e compreender como se dá a relação professor e aluno dentro do ambiente hospitalar.

Justifica-se pela importância da intervenção pedagógica nos hospitais atualmente. Alguns autores auxiliam essa percepção como Ceccim e Carvalho (1997), que dizem que a percepção de que mesmo doente a criança pode brincar, pode aprender, criar e principalmente continuar interagindo socialmente, muitas vezes ajuda na recuperação assim a criança terá uma atitude mais ativa diante de vítima mediante a situação que está vivendo que é a de hospitalização.

¹ Acadêmica do Curso em Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal do Pampa. Turma 2007/1-Rua General Câmara, 532 -Centro - Jaguarão - Cep: 96.300-000 - Tel (53) 8127-8395 - priscilafpf@yahoo.com.br

Sobre este aspecto Ceccim & Fonseca, (1998, p. 35) ressaltam que “independente do tempo de permanência da criança no hospital, o atendimento na classe hospitalar ajuda a criança a se desvincular das restrições deste ambiente e pode ter um significado importante para o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem”. Fonseca (1999, p. 35) diz que “a presença do professor que conhece as necessidades curriculares das crianças hospitalizadas torna-se um catalisador que no interagir com elas proporciona-lhes condições para a aprendizagem”. Gonçalves e Valle (1999) comentam sobre a importância de a criança doente estar envolvida com atividades semelhantes às demais crianças de sua idade. Frequentando as atividades pedagógico-educacionais propostas pelas classes hospitalares, a possibilidade de atenuar expectativas de prejuízos causadas por uma internação hospitalar na infância.

A motivação para a realização deste trabalho surgiu durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, onde a acadêmica teve a oportunidade de conhecer a pedagogia hospitalar através da disciplina de Experiências Educacionais em Espaços Escolares e Não-Escolares. Desde então, começou-se a busca por referenciais teóricos acerca deste tema, principalmente por ser um campo de atuação para os pedagogos e por acreditar na possibilidade de atuação nesta área. Além disso, considerou-se a possibilidade de realizar uma experiência de ensino com crianças hospitalizadas na Santa Casa de Caridade de Jaguarão, o qual se tornou possível e se apresentam os resultados.

Este trabalho apresentará alguns aspectos teóricos acerca da pedagogia hospitalar, assim como os resultados de uma intervenção pedagógica realizada com crianças hospitalizadas na Santa Casa de Caridade de Jaguarão.

Método

Acredita-se que teoria e prática foram a essência fundamental para a realização deste estudo. Assim, a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi à intervenção. Ela se caracteriza por um processo composto por três partes: pesquisa bibliográfica, intervenção pedagógica e avaliação da intervenção.

A intervenção está relacionada a pesquisa-ação. Segundo David Tripp (2005), na pesquisa-ação cabem inúmeras definições. Uma das definições de pesquisa-ação é que se trata de uma forma de investigação-ação que utiliza

técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar uma determinada prática. Entende-se que a pesquisa-ação é uma estratégia para fazer a ligação da teoria com a prática e vice-versa. Porém optou-se neste trabalho pelo uso do termo intervenção.

A terminologia intervenção vem sendo utilizada em diversas investigações relacionadas a pesquisa-ação, tais como a de Peres (2008), que diz que o termo intervenção diz respeito a prática realizada com um determinado grupo, dentro de um delimitado espaço de tempo, que visa a reflexão da prática vivenciada. Acredita-se que ela tem uma conotação mais abrangente do a pesquisa-ação.

Na sequencia serão apresentados os aspectos teóricos acerca da pedagogia hospitalar, a intervenção pedagógica, a avaliação e análise das intervenções e as considerações finais deste trabalho.

Aspectos Teóricos da Pedagogia Hospitalar

O trabalho pedagógico em hospitais apresenta diversas possibilidades de atuação e está na mira de diferentes olhares que o tentam compreender, explicar e auxiliar na construção de um modelo que possa facilitar esta função. No entanto, é preciso deixar claro que tanto a educação não é elemento exclusivo da escola quanto à saúde não é elemento exclusivo do hospital (FONTES,2004). O hospital é, inclusive, segundo definição do Ministério da Saúde (BRASIL, 1994), um centro de educação. A classe hospitalar é uma proposta pedagógica, que implica a necessidade do acompanhamento educacional por pedagogos dentro dos hospitais.

De acordo com Ceccim e Carvalho (1997), para atuar em classes hospitalares, o profissional deve estar habilitado para trabalhar com a diversidade humana e com diferentes hábitos culturais, de modo que possa identificar as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola.

A hospitalização na infância pode alterar significativamente o desenvolvimento infantil, uma vez que restringe as relações de convivência da criança por afastá-la de sua família, de sua casa, de seus amigos e também de sua escola. Num ambiente em que a dor e a doença são presenças constantes, ela passa a ter contato com uma realidade que não estava acostumada. Como conseqüência, Chiattonne (1998) e Fonseca (1999a), citam vários efeitos psicológicos

decorrentes da hospitalização, como respostas de culpa, sensação de punição, ansiedade e depressão. Estes efeitos podem ser causadores de intenso descontrole emocional da criança doente e a atinge nas diferentes etapas do desenvolvimento. Ressaltam ainda que, a experiência de adoecimento e hospitalização implica em mudar rotinas, separar-se dos colegas, amigos, familiares, escola, dos brinquedos, dos seus objetos pessoais, afazeres, sujeitar-se a procedimentos evasivos e muitas vezes dolorosos, além de sofrer com o medo, solidão e em alguns casos sensação de abandono. Cada criança tem uma reação diferente, dependendo da doença e do juízo que se faz dela.

De acordo com Ceccim (1999), com tantas preocupações relacionadas aos problemas relativos à saúde física da criança, os pais geralmente não dão à devida importância à continuidade dos estudos durante o tratamento. É importante a criança doente perceber-se produtiva e com atividades semelhantes às demais crianças da sua idade. Como a escola é um espaço no qual a criança, além de aprender habilidades escolares, desenvolve e estabelece elos sociais diversos, ficar à margem desse espaço de vivências pode ser penoso para a criança hospitalizada.

A educação para crianças e adolescentes hospitalizados não é um fato recente no Brasil. Estima-se que as classes hospitalares existam em nosso país desde a década de 1950 (FONTES, 2004). Durante décadas, as crianças e adolescentes hospitalizados foram silenciados em relação ao direito à educação e eram tratados como se não fossem sujeitos de direitos e necessidades.

Com o intuito de evitar a interrupção, mesmo que parcial da escolaridade destas crianças em função das internações, o direito das crianças e dos adolescentes à continuidade dos estudos escolares durante a internação hospitalar foi reconhecido pela Declaração dos direitos da criança e do adolescente hospitalizado e o Ministério de Educação, por intermédio da Secretaria Nacional de Educação Especial, propiciou o atendimento educacional dessas crianças nos hospitais, criando o serviço de classes hospitalares que visa manter os vínculos escolares e a possibilidade do retorno da criança à escola de origem após a alta, assegurando sua reintegração ao currículo escolar (FONTES, 2004).

Em 2001, com a instituição das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), o Conselho Nacional de Educação, pela primeira vez, após a publicação da LDB 9394/96, sinalizou o atendimento educacional a todas as crianças em tratamento de saúde que implique internação

hospitalar. No artigo 13 deste documento, o MEC indica a ação integrada entre os sistemas de ensino e de saúde, através de classes hospitalares, na tentativa de dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças hospitalizadas.

Em dezembro de 2002, o MEC publicou o documento intitulado Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (BRASIL, 2002), na tentativa de estruturar ações de organização do sistema de atendimento educacional fora do âmbito escolar, promovendo a oferta do acompanhamento pedagógico também em espaços hospitalares. Neste documento, a Secretaria de Educação Especial se propõe a oferecer estratégias e orientações para o atendimento pedagógico voltado para o desenvolvimento e a construção do conhecimento correspondente à educação básica, assim como, sublinha que:

O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo (BRASIL, 2002, p. 22).

Assim, pode-se entender a Pedagogia Hospitalar como uma proposta diferenciada da Pedagogia tradicional, uma vez que se dá em âmbito hospitalar e que busca construir conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem que possam contribuir para o bem estar da criança adoentada, permitindo seu retorno a classe regular sem maiores danos emocionais e psíquicos.

É importante destacar que o aluno mesmo estando em período de internação, continua recebendo conteúdos pedagógicos que estão previstos no planejamento escolar. A continuidade do processo de ensino e aprendizagem não é interrompido, o que contribui significativamente para seu retorno e reintegração a escola de origem.

Apesar da existência de legislação sobre a Classe Hospitalar, demonstrando que já é reconhecida oficialmente, ainda assim, o desconhecimento sobre essa modalidade de ensino é muito grande, tanto para propiciar a continuidade do processo educacional, quanto para fortalecer as ações para a promoção da saúde das crianças e adolescentes em situação de internação.

No contexto da criação das Classes Hospitalares, Amaral e Silva (2007, p. 21) afirmam que “a criação de classes escolares em hospitais é resultado do reconhecimento formal de que crianças hospitalizadas, independentemente do

período de permanência na instituição ou de outro fator qualquer, têm necessidades educativas e direitos de cidadania, onde se inclui a escolarização”.

A despeito disso, Fonseca afirma que,

Apesar de limitações que podem decorrer de sua situação médica, a menina e o menino internados (o) tem interesses, desejos e necessidades semelhantes aos de qualquer jovem saudável. E está provado que o contato com os semelhantes contribui para o desenvolvimento social dos pequenos enfermos, que ajustam melhor à vida no hospital. Há casos em que a doença chega até a ser esquecida, o que acelera a recuperação e a reintegração à vida normal (1999, p. 5).

A Classe Hospitalar, através das práticas pedagógicas e da ludicidade busca socializar o paciente humanizando o seu tratamento, para que estabelecido possa se reintegrar ao mundo exterior se adaptando com maior facilidade após o processo de internação.

O educador que participa da prática educativa no ambiente hospitalar tem um importante papel na sociedade, pois mediante ações pedagógicas é um agente de mudanças, visando uma formação crítica e cidadã de todos os envolvidos. É preciso ter clareza que a finalidade da ação educativa no âmbito hospitalar é própria de saberes de uma profissão específica, não se opondo e nem se confundindo com a ação e a finalidade em relação ao profissional da saúde.

O professor atuante nas classes hospitalares certamente encontrará crianças que nunca frequentaram uma escola, crianças que passam a semana no hospital e voltam para casa no final de semana. Há crianças que passam meses no hospital, crianças com o histórico de repetência e desistência. A ação pedagógica no ambiente hospitalar implica conhecer o mundo da diversidade educacional, diante disso Amaral e Silva identificam que,

A educação que se processa, por meio da Pedagogia Hospitalar, não pode ser identificada como simples instrumentação (transmissão de alguns conhecimentos formalizados). É muito mais que isto. É um suporte psicossócio-pedagógico dos mais importantes, porque não isola o escolar na condição pura de doente, mas, sim, o mantém integrado em suas atividades da escola e da família e apoiado pedagogicamente na sua condição de doente (2007, p. 31).

É importante destacar que o foco das classes hospitalares, assim como o atendimento pedagógico nos hospitais não deve ser visto apenas como um ato de humanização, mas sim como uma prática educativa diferenciada, que tem como finalidade educar e manter o vínculo existente entre a criança que está doente e a escola regular.

Pensa-se que o trabalho educativo realizado nos hospitais deve estar baseado sempre na perspectiva de valorização do que as crianças estão vivendo, o processo de ensino e aprendizagem nunca é linear e por isso, devem ser respeitados os diferentes ritmos e interesses apresentados pelas crianças enfermas.

A Intervenção Pedagógica

Entende-se que o hospital é também um centro de educação onde o trabalho pedagógico não só tem espaço para acontecer como também se faz necessário. Será apresentado a seguir o processo de desenvolvimento das intervenções, assim como os aspectos fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

A intervenção pedagógica foi realizada na Santa Casa de Caridade da Cidade de Jaguarão, especificadamente no setor de pediatria e maternidade. O período de realização da pesquisa foi de 08 de setembro de 2010 a 1º de outubro de 2010, totalizando 18 dias e aproximadamente 20 horas de trabalho direto com os alunos-pacientes.

A intervenção pedagógica aconteceu durante todos os dias em que as crianças estiveram hospitalizadas. Elas foram acompanhadas durante todo o período de internação, lembrando que foram respeitados seus limites e necessidades especiais, havendo períodos em que as atividades não puderam ser aplicadas devido as situações de saúde/doença.

Todos os responsáveis foram previamente avisados sobre o atendimento, e autorizaram o trabalho desenvolvido no hospital, bem como a possibilidade de se tirar fotografias, gravações, etc.

Foram atendidas ao todo 4 crianças, que receberam as seguintes identificações:

Aluno-Paciente A - 09 anos, matriculado no 4º ano do ensino fundamental, período de internação foi de 12 de setembro de 2010 a 18 de setembro de 2010.

Aluna-Paciente B - 07 anos, matriculada no 2º ano do ensino fundamental, período de internação foi de 15 de setembro de 2010 a 18 de setembro de 2010.

Aluno-Paciente C - 07 anos, matriculado no 1º ano do ensino fundamental, período de internação foi de 22 de setembro de 2010 a 25 de setembro de 2010.

Aluna-Paciente D - 08 anos, matriculada no 2º ano do ensino fundamental, período de internação foi de 20 de setembro de 2010 a 26 de setembro de 2010.

Foram observadas e respeitadas as condições físicas e emocionais de cada criança e, considerando esses fatores, as intervenções pedagógicas realizadas não ultrapassaram o tempo máximo de 01h30 por aluno. Considerou-se o fato de que as crianças não passam uma noite tranqüila: existem horários para os remédios, além de que as 4 crianças se encontravam com cateteres nas mãos, o que dificulta a escrita e causa dores. As crianças somente participaram das atividades quando sentiam vontade e quando apresentavam disposição para tal (FONTES, 2004).

É importante salientar que nos dias em que a acadêmica realizou as intervenções não houve nenhum caso em que fosse necessário cuidados especiais para com as crianças, no sentido de não haver nenhum caso de doenças infecto contagiosas. Quando há casos em que se ofereça risco à saúde do profissional a instituição hospitalar se encarrega de fornecer as devidas informações

Considerando que a criança hospitalizada encontra-se afastada da instituição escolar em decorrência da internação, a intervenção pedagógica assume a tarefa de intermediar a criança com a escola durante a hospitalização, auxiliando no acompanhamento pedagógico durante esse período.

Primeiramente foi feita uma triagem, através da qual foram coletados os dados necessários para o contato com as instituições escolares, nas quais as crianças se encontravam matriculadas. Concomitantemente, foi estabelecido o vínculo afetivo entre a acadêmica responsável pelas intervenções e as crianças hospitalizadas.

Como estratégia para a conquista da confiança e segurança das crianças foram utilizados desenhos e jogos pedagógicos, que foram apresentados de forma lúdica, considerando que através da brincadeira as crianças conseguem se expressar, manifestar-se, além de aprenderem a lidar com frustrações e elevar o nível de motivação. Foram usados jogos da memória com ilustrações alfabéticas, jogo dos sete erros, jogos com figuras de animais perigosos e animais dóceis, desenhos para pintura, blocos lógicos, livros de contos e revista em quadrinhos etc. As atividades para estabelecimento do vínculo com a acadêmica aconteceram nos primeiros dias de internação da criança, salvo as crianças que apresentaram restrições médicas, como casos cirúrgicos ou necessidade de repouso. Neste caso, a acadêmica realizou as atividades em dias sem restrições.

Abaixo encontra-se uma imagem de um aluno-paciente realizando a atividade para o estabelecimento do vínculo com a acadêmica.



Foto 1- Mostra o aluno-paciente A pintando um desenho escolhido por ele.

Com os dados em mãos, foi feito contato com as escolas nas quais as crianças se encontravam matriculadas, as quais se mostraram solícitas e imediatamente se colocaram a disposição para fornecer as atividades que as crianças deveriam realizar se não estivessem hospitalizadas. O contato com as escolas foi feito pessoalmente pela acadêmica, pois acredita-se na importância deste primeiro contato. Das quatro escolas visitadas, apenas uma não forneceu as atividades, devido ao fato de a professora não as possuir naquele momento e não ter tempo disponível para prepará-las para levar até o hospital. Nas três escolas restantes as atividades foram encaminhadas no instante do primeiro contato, tendo uma inclusive que confiou o livro do aluno a acadêmica responsável pela intervenção.

Percebeu-se durante a intervenção realizada com o aluno-paciente C, que se encontrava em processo de alfabetização, que o mesmo possuía muitas dificuldades na leitura e na escrita. Identificou-se então mais uma razão para que o atendimento pedagógico se fizesse presente, considerando que o processo de alfabetização é uma das etapas mais importantes na vida escolar de um indivíduo, portanto, a continuidade desse processo, mesmo que no hospital, foi significativamente positivo.

Algumas atividades foram realizadas na sala de recreação do hospital. A sala possui apenas uma mesa pequena com cadeiras que não são as ideais para a realização das atividades, porém é um ambiente que se aproxima de uma sala de aula, de uma classe hospitalar.

Como um dos objetivos da Pedagogia Hospitalar é também oferecer momentos de socialização, de contato com o outro e partilha de conhecimentos,

este ambiente foi usado para que as crianças pudessem estabelecer vínculos entre si, para que pudessem se identificar no outro, para que ambos pudessem também se ajudar. Segue abaixo algumas atividades realizadas pelas crianças na sala de recreação.



Foto 2- Mostra a algumas atividades realizadas pelas crianças atendidas.

Nos dias em que as crianças não demonstraram disposição ou houveram restrições médicas quanto a intervenção, a acadêmica esteve no hospital para visitá-las e para mostrar a existência de um compromisso, de uma intenção, além da demonstração de carinho e de respeito por cada uma delas.

Após a alta médica, as atividades realizadas foram encaminhadas para as respectivas escolas com uma avaliação do comportamento e das principais dificuldades apresentadas pelos alunos atendidos. Algumas crianças após a saída do hospital, ainda possuíam algumas restrições. Por esta razão receberam atestado de mais alguns dias, devendo ficar em casa.

Os pais estiveram presentes o tempo todo e se comprometeram em ir à escola e continuar o trabalho em casa, ou seja, as atividades passaram a ser domiciliares. O que demonstra a preocupação em relação à continuação dos estudos de seus filhos.

A avaliação e análise da intervenção

É pertinente afirmar que a ação pedagógica no hospital exige que os pedagogos procedam a uma intervenção em que predomine também a escuta do paciente. O trabalho nos hospitais permite um contato direto e prolongado com o ambiente hospitalar, através da intervenção pode-se acompanhar as crianças enfermas no seu cotidiano e com isso compreender sua visão de mundo e o

significado que elas atribuem ao contexto escolar. A atuação do pedagogo com crianças hospitalizadas contribui para que mantenham ligação com o mundo externo na medida em que possam participar e aprender, isoladamente de suas dificuldades, mas conduzido para a sua potencialidade e valorização diante do diagnóstico da doença.

Percebeu-se que a intervenção pedagógica realizada pela acadêmica na Santa Casa de Caridade de Jaguarão restabeleceu o vínculo com o cotidiano escolar, uma vez que as crianças continuaram com as atividades com as quais estavam acostumadas e contribuiu pedagogicamente para o desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças participantes, já que se mostraram mais tranquilas e confiantes em relação a doença e por continuarem estudando mesmo não frequentando a escola.

É preciso observar as manifestações e principalmente as aprendizagens que se dão no ambiente hospitalar. Neste caso, as crianças atendidas puderam se manifestar das mais diversas formas como nesta fala do aluno-paciente A. Quando perguntado se ele havia gostado de estudar no hospital, a resposta foi a seguinte: *“Eu gostei porque fiquei fazendo os temas. Daí eu não esqueci o que eu fazia na escola. Aqui no hospital é muito chato não tem nada pra tu fazer e estudando as horas passam bem depressa. Eu quero estudar assim, toda vez que eu ficar aqui baixado. Você é muito legal professora, eu gostei de estudar com você.”* É neste momento que se enquadra o papel do Pedagogo, que conforme Lopes (2007), é um profissional que tem formação de educador e que através das atividades pedagógicas, acompanha e intervém no processo de ensino e aprendizagem da criança hospitalizada, além de auxiliá-la quanto à compreensão e conhecimento de sua doença, dos procedimentos médicos e sua adaptação hospitalar, permitindo a estas a oportunidade de exercer seus direitos de cidadãos.

Observou-se também que a cada dia as crianças estavam mais dispostas, havendo momentos em que a acadêmica teve que optar por não realizar a intervenção devido ao fato de ter percebido a fragilidade e momentos de dor enfrentados por elas. Posso citar como exemplo a aluna paciente D, que mesmo com as duas mãos machucadas devido às inúmeras tentativas das enfermeiras em capturar uma veia para colocar o cateter com a medicação e com muita febre, sonolência e visivelmente indisposição, ainda assim, fez questão de tentar se levantar para que pudesse realizar a atividade daquele dia. Ao perceber a situação a

intervenção não foi realizada, mas a fala dessa criança deixa claro o quanto a presença de um professor no ambiente hospitalar faz a diferença. Quando soube que a intervenção não iria acontecer, ela de uma maneira muito espontânea disse: *“Professora, então leia para mim o que eu deveria fazer, assim eu não esqueço”*.

Ficou claro que o atendimento pedagógico realizado trouxe as crianças à certeza de que o hospital pode ser também um lugar onde se aprende, que a ação educativa pode sair dos muros da escola. Isso pode ser visto na fala do aluno-paciente C: *“Muito legal estudar aqui no médico, eu pensei que agente só podia estudar na escola, mas aqui é do mesmo jeito, só que tu tem que escrever devagar por causa do soro”*.

Tem que se levar em conta que o afeto no período de internação é muito importante e deixar claro que o professor tem que exercer o papel de professor e não apenas de recreacionista. Cabe ao pedagogo uma ação pedagógica que autorize sempre um sentimento de aprendizagem, processo, avanço e abertura para novas possibilidades.

Pode-se analisar através das intervenções que a atuação no ambiente hospitalar requer maior compreensão das peculiaridades deste lugar, o que o diferencia de outras instituições, é necessário acima de tudo, um planejamento flexível e amplo para enfrentar esse desafio.

Sobre as instituições de ensino frequentadas pelas crianças atendidas pode-se afirmar que se mostraram interessadas em saber o que é a Pedagogia Hospitalar, o que prova que há desconhecimento sobre o assunto. Neste instante percebeu-se a necessidade de oferecer aos docentes informações sobre a importância do atendimento pedagógico nos hospitais. Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, algumas crianças apresentaram algumas dificuldades em cálculo matemático, escrita e leitura. Foram priorizados, até por indicação das próprias professoras da rede regular de ensino, conteúdos de Matemática e de Língua Portuguesa.

A aluna-paciente B, ao realizar uma das atividades de cálculo matemático, que consistia em efetuar contas com as quatro operações (adição, subtração, multiplicação, divisão), disse algo que chamou a atenção: *“Professora, na escola eu não consigo fazer isso, mas aqui tá fácil. Eu não precisei dos palitinhos pra contar”*.

Em outra ocasião, a aluna-paciente D, disse que nunca imaginou estudar no hospital e uma de suas falas merece destaque, quando lhe perguntei: O que você

acha de estudar no hospital? Ela logo respondeu “*Eu acho muito bom, tu não perde aula e pode continuar aprendendo como na escola. É igual escola, só que tu tem uma professora só pra ti. É legal porque é uma escola diferente, tem médico e professor junto*”.

Foi observado que mesmo diante da dor, momentos de solidão, o afastamento de casa, dos colegas, da escola, não foi o suficiente para que as crianças deixassem de aprender ou se sentissem desmotivadas. Em todo momento estiveram dispostas a participar, mesmo nos mais difíceis, aqueles em que se encontravam com febre e sonolência devido as medicações, se comunicaram bem, passaram a sorrir, inclusive esboçaram curiosidade em relação às atividades posteriores.

Fica claro nas atitudes e principalmente nas falas das crianças o quanto a “escola no hospital” pode ser importante, quanto o vínculo que se mantém com a escola através do atendimento pedagógico pode ser determinante para o retorno delas após a hospitalização.

Considerações Finais

Mais do que perceber o ambiente hospitalar como um campo de atuação do pedagogo, esta experiência permitiu compreender o outro, olhar o outro, escutar o outro, percebendo que atuar em outros espaços que não seja a escola, exige reinventar práticas e que não há limites e nem lugares onde o conhecimento não possa chegar.

A intervenção pedagógica buscou levar as crianças a compreender seu cotidiano hospitalar, de forma que com essa compreensão pudessem ter um certo conforto emocional. E mais que entender a realidade da escola no hospital, é importante permitir as crianças hospitalizadas a compreensão de que nesse espaço, as situações mais corriqueiras podem ser tornar objetos de aprendizagem. Neste sentido, a intervenção pedagógica pode proporcionar a criança não só momentos de aprendizagem como também amenizar os efeitos da hospitalização.

O acompanhamento pedagógico sofreu várias alterações, como trabalhos realizados no leito, o uso de materiais alternativos, adaptações de atividades, mas nada disso pôde ser considerado um obstáculo para que o ensino ocorresse. Pelo

contrário, foi notória a satisfação que as crianças atendidas tiveram no ato da ação pedagógica.

Lecionar em um hospital requer equilíbrio por parte dos professores, que além de lidar com os problemas emocionais, físicos e patológicos dos alunos atendidos, têm também que lidar com seus medos, com o seu emocional e suas aflições de maneira que isso não interfira em seu trabalho, o que não é tarefa fácil. Requer conhecer as particularidades de uma profissão diferenciada.

A partir do desenvolvimento do trabalho, pode-se constatar que as intervenções pedagógicas, além de despertar nas crianças a vontade de aprender, certamente lhes possibilitou um retorno à escola menos traumático, ou seja, elas não se sentiram em defasagem em relação a seus colegas, uma vez que não deixaram de realizar as atividades escolares.

O atendimento pedagógico nos hospitais é um direito das crianças e adolescentes enfermos. É verdade que ainda é uma área que está em expansão, porém, pode-se considerar que é um espaço promissor para a atuação dos pedagogos.

Referências

AMARAL, D. P.; SILVA, M. T. P. *Formação e Prática Pedagógica em Classes Hospitalares: Respeitando a cidadania de crianças e jovens enfermos*. (Disponível em www.malhatlantica.pt/ecae-cm/daniela.htm. Acesso em 10/09/2010)

BRASIL. *Ministério da Educação e do Desporto*. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC: SEESP, 1994.

_____. *Resolução CNE/CEB N. 2 de 11 de setembro de 2001*. Estabelece as Diretrizes Nacionais de Educação Especial. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília. DF. 1999

_____. *Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações*. Brasília. DF. 2002

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (org.) *Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida*. Porto Alegre: UFRGS, 1997

CECCIM, R. B. & FONSECA, E. S. *Classes hospitalares no Brasil*. Reunião de trabalho na classe hospitalar do Hospital Municipal Jesus. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Saúde / Hospital Municipal Jesus – Secretaria Municipal de Educação / Classe Hospitalar Jesus, agosto de 1998.

CECCIM, R. B. *Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. Pátio Revista Pedagógica*, 3 (10), 41-44. 1999

CHIATTONE, H. B. C. A criança e a morte. Em V. A. Angerami-Camon (Org.), *E a psicologia entrou no hospital* (pp. 69-141, 2ª ed.). São Paulo: Pioneira. 1998

FONTES, R. S. *A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital*. Revista Brasileira de Educação, Universidade Federal Fluminense 2004.

FONSECA, E. S. *Muito mais forte do que a doença: professora ajuda crianças e jovens internados em hospitais a continuar os seus estudos*. Rio de Janeiro, RJ: Revista Nova Escola, Março 1999.

FONSECA, E. S. *Classe hospitalar: resposta sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados. Temas sobre Desenvolvimento*, 8 (44), 32-37. 1999A

GONÇALVES, C. F. & Valle, E. R. M. *O significado do abandono escolar para a criança com câncer*. Em E. R. M. do Valle & L. P. Castilho (Orgs.), *Psico-oncologia: vivências de crianças com câncer*. p. 123-144. Ribeirão Preto: Scala. 1999

LOPES, B. S. *Pedagogia Hospitalar*. (Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1683233-pedagogia-hospitalar/>>. Acesso em 28 out. 2010)

PERES, F.L.B. *O ensino da língua espanhola na educação especial: formação docente e aprendizagem de pessoas com deficiência mental*. Programa de Pós - Graduação em Educação. UFPEL. Pelotas. 2008

TRIPP, D. *Pesquisa-ação: uma ação metodológica*. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

A pedagogia hospitalar: reflexões acerca de uma experiência de ensino na Santa Casa de Caridade de Jaguarão

Abstract

Presents the results of an intervention in the Holy House of Charity City Jaguarão. The main objective of this study was to identify key issues related to pedagogical work of teachers, as well as understand how the relationship between teacher and student in the hospital environment. Believing in the teaching hospital as a field of work of teachers, we tried to make a theoretical investigation that the information obtained through the intervention could be interpreted. From the development of work can be seen that the educational interventions, and awaken in children a love of learning, certainly allowed them a return to school less traumatic, ie, they have not felt in a gap between his colleagues since it did not fail to perform their school activities.

Keywords: pedagogy and hospital; intervention; pedagogue.